

AS BUSCAS DE FELICIDADE NOS RELACIONAMENTOS ERÓTICO-AMOROSOS HETEROSSEXUAIS EM CONTEXTO URBANO NOTURNO: UMA ABORDAGEM BASEADA NO MODELO ANTROPOLÓGICO DE TURNER

GUADALUPE BRAK-LAMY

RESUMO

Esta investigação reporta-se às buscas de felicidade de homens e mulheres (entre os 18 e os 65 anos), através dos seus relacionamentos erótico-amorosos heterossexuais vividos a partir do conhecimento/encontro desses sujeitos nos espaços de congregação noturna situados nas zonas da “movida” Lisboa. Apresenta-se uma análise de conteúdo temática (Bardin 1977) do discurso de 120 sujeitos (de diversos estados civis: casados, solteiros, divorciados e que vivem em união de fato) sobre as buscas da felicidade nas suas experiências erótico-amorosas. A felicidade aqui é concebida como desejo de fuga/escape da estrutura conjugal, familiar e laboral. A base teórica deste estudo encon-

tra-se ancorada no modelo estrutura versus ‘communitas’ desenvolvido por Turner ([1969] 1974). A conclusão enfatiza, por um lado, a importância da busca da ‘communitas’ para a felicidade (momentânea) da maior parte dos sujeitos entrevistados que é evidenciada através dos discursos masculinos e femininos de descompromisso, competição e desrepressão. Por outro lado, a busca da estrutura conjugal ou a lealdade a essa estrutura também pode conduzir ao desejo de felicidade de alguns sujeitos, como o demonstra o discurso feminino de compromisso e o discurso masculino de fidelidade.

PALAVRAS-CHAVE

Buscas de felicidade, relacionamentos erótico-amorosos heterossexuais, espaços urbanos de congregação noturna, movida lisboeta, modelo estrutura versus ‘communitas’.

Tema

Este estudo reporta-se às buscas de felicidade de sujeitos caucasianos (homens e mulheres entre os 18 e os 65 anos de idade), através dos comportamentos/relacionamentos erótico-amorosos heterossexuais¹ experienciados a partir do conhecimento/encontro desses sujeitos nos espaços de congregação noturna (bares) situados nas zonas da “movida” Lisboa. Os comportamentos erótico-amorosos acontecem quando os sujeitos travam conhecimento com pessoas com quem interagem nos espaços de congregação noturna. As interações realizaram-se a partir de diversas estratégias de sedução. Essas são formas de interação erótica que envolvem os olhares, os sorrisos, as palavras/conversas, os toques, os beijos e as carícias.

O conceito de felicidade que utilizamos aqui é definido como:

“Um estado que não consiste na realização instantânea de todos os nossos desejos, o que nos tornaria de seguida presas de uma temporalidade vazia que nos conduziria a um tédio mortífero, mas que a satisfação dos nossos desejos deva ser harmoniosamente distribuída ao longo de toda a nossa vida, de tal maneira que, logo que o prazer nascido da satisfação de um desejo se disperse e diminua, que esteja substituído por uma nova satisfação, e isso sem interrupção de modo a que nos mantenhamos constantemente num estado de felicidade perfeita.” (Van den Bosch, 1997: 20).

A felicidade, neste estudo, reporta-se ao desejo de fuga/escape da estrutura conjugal e familiar (pais) e ao desejo de fuga/escape à estrutura referente ao domínio do trabalho. A base teórica deste estudo encontra-se ancorada no modelo estrutura versus antiestrutura ou ‘communitas’ desenvolvido por Turner na obra *Processo Ritual Estrutura e Antiestrutura* ([1969] 1974), modelo esse também apresentado posteriormente na obra *Dramas, Fields and Metaphores – Symbolic Action in Human Society* (1987).

É em *Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura* ([1969] 1974) que Turner preconiza a existência de “dois modelos principais de relacionamento humano, justapostos e alternantes” ([1969] 1974: 118-119). O primeiro denomina-o de estrutura² e reporta-se à

1 Tenho consciência de que eliminei voluntariamente duas alternativas – ou áreas complementares – aquela que envolveria a sedução homossexual e/ou lésbica e uma outra que incluiria a sedução inter-racial e/ou inter-étnica. Posso, por isso, ser suspeitada de homofobia ou de racismo. No entanto, parece claro que abordei um tema demasiado complexo. Deixo para novas investigações essas dimensões de complexidade.

2 Turner refere-se à estrutura como a “estrutura social”, no sentido da antropologia social britânica, ou seja, “como uma disposição mais ou menos característica de instituições especializadas mutuamente dependentes e a organização institucional de posições de atores que elas implicam. Não me refiro à “estrutura” no sentido tornado popular por Lévi-Strauss, ou seja, concernente a categorias e lógicas e à forma das relações entre elas.” (Turner, [1969]1974: 201-202).

sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado e hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, a partir do qual os sujeitos têm valores desiguais. A ideia aqui expressa é que “as unidades da estrutura social são relações existentes entre “posições”, funções e cargos” (idem: 160). O segundo modelo é denominado de ‘*communitas*’³ e corresponde à sociedade considerada como um “*comitatus*” não estruturado ou estruturado de forma rudimentar e relativamente indiferenciado, portanto não hierarquizado. Vista nessa perspectiva – como uma modalidade do relacionamento social –, a ‘*communitas*’ assume um peso teórico de igual importância ao da noção de estrutura social.

A estrutura está ligada às hierarquias sociais, portanto ao poder, e a ‘*communitas*’ reporta-se à vontade desdiferenciadora das hierarquias sociais. Assim sendo, a ‘*communitas*’ representa a possibilidade de individuação, de libertação da repressão inerente à inserção posicional e estatutária dos indivíduos nas estruturas.

Segundo Turner, o objetivo final do indivíduo “consiste em agir em termos de valores da ‘*communitas*’” (idem: 214), pois, na nossa opinião, o grande desejo humano é renunciar e pôr fim aos sofrimentos uma vez que a vida na estrutura está repleta de dificuldades. O que os humanos pretendem é ser “felizes”. Esse objetivo apresenta dois aspectos: por um lado, visa à ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, pretende experimentar intensos sentimentos de prazer. No sentido mais restrito, o conceito de felicidade só se relaciona com este último. Mas a felicidade é um estado efêmero. Ou, como diria Turner ([1969] 1974), a felicidade só se encontra na ‘*communitas*’. No entanto, as características desta que se referem à concepção da sociedade como um todo indiferenciado e homogêneo, em que os sujeitos se encontram desprovidos de “*status*” e funções segmentizadas, podem raramente ser mantidas por muito tempo. A ‘*communitas*’ em pouco tempo transforma-se em estrutura, na qual as livres relações entre os sujeitos se convertem em relações governadas por normas.

OBJETO DE ESTUDO

Analisamos as significações referentes às experiências de buscas de felicidade de 60 homens e 60 mulheres, entre os 18 e os 65 anos, pertencentes à classe média⁴, de diversos estados civis (casados, solteiros, divorciados e vivendo em união de fato), nos relacionamentos erótico-amorosos iniciados nos espaços de congregação noturna.

Optei por realizar trabalho de campo em alguns espaços de congregação noturna

3 Turner ([1969]1974) prefere o vocábulo latino ‘*communitas*’ à comunidade, pois pretende distinguir a modalidade de relações existentes na ‘*communitas*’ de aquilo que ele denomina de uma “área da vida em comum.”

4 Sublinha-se que certas experiências erótico-amorosas vividas por alguns sujeitos podem ser semelhantes às de outros sujeitos, uma vez que são vividas no interior da mesma organização sócio-cultural, na qual os sujeitos participam, desde o nascimento, em influenciamentos e negociações assimétricas em contextos “educacionais” semelhantes, porque o universo da pesquisa é constituído por sujeitos pertencentes à mesma classe social, isto é, à classe média. Certos sujeitos tendem a elaborar materiais relativamente comuns que se constroem face às experiências erótico-amorosas relativamente similares, mas que nunca são homogêneas.

na cidade onde resido, Lisboa – ou, como diria Jackson (1987), escolhi fazer *anthropology at home* –, porque esta é uma cidade que possui uma vida noturna intensa que se tem vindo a desenvolver ao longo da década de oitenta e de noventa, expansão essa que tenho vindo a acompanhar desde o final da minha adolescência até a atualidade.

Ao escolher a cidade que habito, para a realização de trabalho de campo, estou ciente de que as investigações de objetos próximos e sobre temas familiares não são sinônimo de conhecimento⁵. Na realidade, por vezes nem sequer é tão familiar como possa inadvertidamente supor-se. Para além disso, uma das principais consequências de uma efetiva familiaridade é passar ao nível do inconsciente e do naturalizado e, por isso, do não explicitamente entendido, a maior parte do que nos rodeia: “Se numa floresta de exotismos não se distingue o singular, na banalidade do familiar não se distingue o comum” (Costa 1986: 147).

Na esteira de Da Matta (1987: 157), pretendo questionar o familiar transformando-o em exótico. Isso significa dizer que o antropólogo, quando faz investigação em “casa”, coloca em jogo o seu próprio sistema de classificações que, construído a partir do seu processo de sociabilização, se reestrutura nas relações que estabelece no fazer antropológico. Acrescenta-se ainda que o estudo de objetos próximos tem a vantagem de tornar possível o diálogo com outros antropólogos e até com representantes do universo pesquisado, que podem discordar ou não das interpretações do investigador, possibilitando uma reavaliação das suas conclusões (Velho 1981).

Parti para o terreno em outubro de 1998 e realizei uma sociogeografia dos espaços de congregação noturna existentes em Lisboa. Selecionei quatro espaços de congregação noturna situados em quatro locais da “movida” lisboeta (o *locus* privilegiado para os estudos dos comportamentos de sedução heterossexual), sendo esses locais: o Bairro Alto, as Docas de Alcântara, a zona entre as Docas de Alcântara e Belém e a Rocha Conde D`Óbidos.

O Bairro Alto situa-se em uma colina e, durante o dia, é um pacato bairro popular, mas, à noite, por volta das 22 horas, surge um verdadeiro “mar de pessoas” que procuram já não só os diversos restaurantes regionais, Casas de Fado, adegas, tascas, bares e discotecas, mas galerias de arte e espaços de exposição e venda de artigos produzidos por alguns estilistas e *designers* nacionais, espalhados pelas ruas e travessas estreitas. O Bairro Alto teve o seu auge na década de oitenta e, depois da abertura dos bares da Avenida 24 de julho, nos finais dos anos oitenta, chegou a temer-se a sua desertificação. No entanto, muitos dos frequentadores do Bairro Alto são demasiado fiéis para o trocarem pelos novos

5 Gilberto Velho (1981: 127) ilustra esta ideia: “A etiqueta, a maneira de se dirigir às pessoas, as expectativas de respostas, a noção de adequação, etc., relacionam-se com a distribuição social de poder que é essencialmente desigual numa sociedade de classes. Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e as situações sociais do nosso quotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conheçamos o ponto de vista e a visão do mundo dos diferentes atores numa situação social nem regras que estão por detrás dessas interações dando continuidade ao sistema.”

espaços junto ao rio.

No início dos anos noventa, assistimos a uma expansão de novos espaços de congregação noturna em diversas zonas da capital, como a Rocha Conde D`Óbidos, a área das Docas de Santo Amaro e a região que vai de Alcântara a Belém. Alcântara é um prolongamento da Avenida 24 de julho e possui alguns dos espaços de congregação noturna mais famosos da capital. A Rocha Conde D`Óbidos e as Docas de Santo Amaro inscrevem-se na antiga zona portuária de Lisboa, que foi cedida pela Associação do Porto de Lisboa a empresários da noite. Estes transformaram os grandes armazéns em bares e discotecas e, no caso das docas, não só em bares e discotecas mas também em restaurantes e esplanadas. O conjunto de edifícios em tijolo e madeira, alguns dos quais com enormes janelas rasgadas sobre o rio, é atualmente um dos centros da “movida” lisboeta. Os restaurantes da Rocha Conde D`Óbidos, à medida que a noite vai avançando, transformam-se sucessivamente em bares. Os edifícios das Docas foram os primeiros armazéns do porto de Lisboa a serem ganhos pela cidade e pelos seus habitantes. As esplanadas das Docas funcionam essencialmente como restaurantes e bares, muito concorridos especialmente nas noites mais quentes quando só apetece estar ao ar livre. Ouve-se música nos altifalantes da esplanada, que aumenta de volume à medida que a noite se estende. Por vezes, temos o privilégio de observar um magnífico anoitecer diante do rio cintilante, sob o céu rubro e o ruído dos automóveis na “Ponte sobre o Tejo”.

Mas a expansão da indústria da noite dá-se não só ao nível de zonas da cidade, como também se vem a estender progressivamente para abarcar um número mais alargado de noites através de um sistema de *marketing*. Em princípio, seria a “Febre de Sábado à Noite”, depois os empresários da noite criariam um sistema de espetáculo de sevillanas à Sexta-Feira, ou um sistema de *Karaoke* à Quinta-Feira, ou um espetáculo de *striptease* à Quarta-Feira, ou uma noite em que as mulheres podem beber o que quiserem sem pagar – Ladies`Night – à Terça-Feira, ou ainda a “noite de música ao vivo” à Segunda-Feira.

METODOLOGIA

Esta escolha dos espaços teve uma duração de cerca de três meses (de outubro de 1998 a janeiro de 1999). Dei nomes falsos aos espaços escolhidos para que se mantivesse o anonimato⁶.

Após a seleção dos espaços de congregação noturna, iniciei o trabalho de campo, em fevereiro de 1999. Apresentei-me nos espaços sempre à hora de abertura dos espaços, isto é, às 23 horas e permanencia nos mesmos geralmente até à hora do fechamento, ou seja, até às 6 horas da manhã.

6 O Horda Rock situa-se no Bairro Alto. O Mirror está localizado na Rocha Conde D`Óbidos. O Caipirinha está situado na zona das Docas de Alcântara. Por último, o Boat está localizado entre a zona das Docas de Alcântara e a zona de Belém. O Mirror, o Caipirinha e o Boat são frequentados por sujeitos entre os dezoito e os sessenta e cinco anos. O *Horda Rock* é frequentado por jovens entre os dezoito e os vinte e cinco anos.

Uma vez permanecendo no interior do espaço de congregação noturna, o que iria eu observar e ouvir?⁷ Primeiro a decoração dos espaços de congregação noturna e a disposição espacial das mesas, dos bares e das pistas de dança. Em um segundo momento, iria observar tudo o que estivesse relacionado com os comportamentos de sedução heterossexual dos clientes e dos empregados, comportamentos esses que incluem a linguagem verbal (audição de conversas) e a linguagem não-verbal que engloba toda uma panóplia respeitante à gramática corporal: gestos, posturas, expressões faciais, olhares, sorrisos, toques, beijos e carícias – nos diversos locais do espaço de congregação noturna, nomeadamente: nas mesas, ao balcão dos bares, nos varandins das *mezzanines* e na pista de dança – e também a forma como as pessoas se apresentam vestidas, maquiadas e ornamentadas.

De todas as vezes que entrei nos espaços de congregação noturna, vesti a máscara de “nativa”, isto é, aquela pessoa que se desloca aos espaços de congregação noturna para ouvir música, dançar, beber uns copos, conversar e seduzir ou deixar-se seduzir por alguém. Desse modo, eu era o que Spradley (1980: 57) considera uma *insider*. Também observei as estratégias de sedução levadas a cabo pelos diversos atores sociais, assim como as minhas estratégias de sedução e as estratégias de sedução masculinas a mim dirigidas, o que me colocou em uma posição de *outsider* (idem *ibidem*). Assim sendo, a minha participação é, de acordo com Spradley (1980), uma participação moderada.

Após a observação-participante, a fase seguinte foi a realização de entrevistas semi-estruturadas aprofundadas que decorreu entre outubro de 1999 e janeiro de 2001. Escolhi realizar entrevistas, pois as mesmas tendem a permitir o acesso a informações de difícil obtenção por meio da observação direta, como sentimentos, significações e intenções. A entrevista teve como principal objetivo apelar à construção de um discurso sobre as buscas de felicidade no âmbito das experiências erótico-amorosas, incluindo os repertórios de cenários e os repertórios de significações, de acordo com Apostolidis (1993).

Entrevistei 120 sujeitos⁸ (60 homens e 60 mulheres),⁹ entre os 18 e os 65 anos, de diversos estados civis que viviam na área metropolitana de Lisboa. Os sujeitos que trabalhavam nos espaços de congregação noturna: *disc jockey*, *barmen*, *barmaids* e porteiros foram entrevistados no próprio local de trabalho, isto é, no interior dos espaços. As

7 Não me foi permitido fotografar aquilo que observei no interior dos espaços de congregação noturna.

8 Não me foi permitido fotografar aquilo que observei no interior dos espaços de congregação noturna.

9 Em uma metodologia de base qualitativa, o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada entrevista, assim como da profundidade e do grau de recorrência e de divergência dessas informações. Enquanto estiverem a aparecer dados novos ou pistas que possam indicar novas perspectivas relativamente à investigação em curso, é preciso continuar a fazer entrevistas. No que diz respeito ao número de entrevistas, o procedimento que se tem revelado mais adequado é – na opinião de Durham (1986: 27) e que corroboramos e aplicámos neste trabalho –, “o de ir realizando entrevistas até que o material obtido permita uma análise densa das relações estabelecidas no terreno e a compreensão de significados, sistemas simbólicos e de classificação, códigos, práticas, valores e sentimentos.”

entrevistas realizadas aos clientes tiveram lugar não nos espaços de congregação noturna, porque os proprietários desses espaços colocaram entrave quanto à realização das mesmas naqueles locais, sendo realizadas posteriormente em esplanadas, cafés e no domicílio dos sujeitos que frequentavam os bares. Em todos estes locais, o horário da entrevista foi marcado de acordo com a conveniência dos participantes.

Por duas vezes, realizei entrevistas em casa dos entrevistados, estando esses acompanhados de amigos e/ou familiares que, no entanto, não presenciaram a entrevista. Alguns desses entrevistados apresentaram-me os seus amigos que frequentavam os espaços de congregação noturna, situados nas zonas da “movida” lisboeta, os quais tive oportunidade de entrevistar (técnica da “bola de neve”), sendo essas entrevistas gravadas. A gravação tem a vantagem de registar todas as expressões orais, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Cada entrevista durou cerca de uma hora.

A proximidade sócio-cultural entre a antropóloga e a população entrevistada contribuiu para a construção de uma relação empática e de confiança: com pontos comuns de uma socialização urbana, as experiências partilhadas permitiram um código facilitador de comunicação. A exequilidade da entrevista e a qualidade do material obtido foram determinados pelos papéis de ambos os intervenientes (antropóloga e participantes) de uma relação social e de comunicação. A entrevista foi percebida com uma certa proximidade em relação à de consulta com um especialista na área da sexualidade, um sexólogo, um psicólogo ou um psicanalista. Esse fato deu-se em parte também devido à confiança que os participantes depositaram na investigadora, à atmosfera amistosa que se criou e à garantia de sigilo e anonimato das informações, sendo-lhes também dito que os seus discursos transcritos seriam identificados com uma inicial e não com o nome verdadeiro. Todos esses fatores, assim como a flexibilidade da estruturação do guião da entrevista, contribuíram para que os participantes falassem abertamente sobre as buscas de felicidade nos seus relacionamentos erótico-amorosos.

À medida que realizei as entrevistas, procedi a transcrição integral das mesmas. Para a análise dos resultados, as informações recolhidas foram estruturadas e interpretadas de acordo com a orientação geral da análise de conteúdo temática¹⁰ (Bardin 1977) com o objetivo de interpretar os comportamentos de sedução dos sujeitos e as suas as motivações referentes às buscas de felicidade nos relacionamentos erótico-amorosos.

A análise dos dados segue as seguintes etapas: pré-análise; leitura flutuante das entrevistas; constituição do corpus; seleção das unidades de contexto e de registo; recorte; codificação assistida por computador em MAXqda; classificação e agregação das

10 De acordo com Bardin (1977: 105-106): “Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (...). O tema, enquanto unidade de registo, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. (...)”

categorias temáticas e, por último, descrição e análise das mesmas. De forma a assegurar a credibilidade dos resultados, adotaremos um procedimento de validação proposto pela literatura: a descrição densa dos significados (Geertz [1973] 1978),¹¹ através da apresentação detalhada dos mesmos e da ilustração de cada categoria com exemplos do discurso dos participantes.

Os discursos dos sujeitos foram indexados em cinco categorias: a) discurso do descompromisso; b) discurso da competição; c) discurso da fidelidade; d) discurso do compromisso e, por último, e) discurso da desrepressão.

DISCURSOS SOBRE AS BUSCAS DE FELICIDADE NOS RELACIONAMENTOS ERÓTICO-AMOROSOS

Este capítulo refere-se ao que os sujeitos fazem depois de saírem dos espaços de congregação noturna. Estamos no domínio das experiências sexuais privadas que serão interpretadas de acordo com a teoria estrutura versus ‘communitas’, uma vez que os sujeitos irão referenciar os motivos por que: a) desejam permanecer no estado de ‘communitas’ (discurso do descompromisso); b) desejam entrar no domínio da estrutura através da conjugalização (discurso do compromisso); c) desejam atenuar os constrangimentos provocados pela estrutura, sobretudo a conjugal (discurso da desrepressão), d) manifestam o desejo de serem leais à estrutura conjugal (discurso da fidelidade); ou ainda e) refe-

11 O antropólogo Clifford Geertz ([1973] 1978) deu um salto fundamental na interpretação das culturas: ao analisar as teias de significados em uma determinada sociedade, compreendemos que a mesma possui uma lógica cultural própria. Ou seja, longe de procurar estruturas definidoras ou de descrever comportamentos de maneira superficial, precisamos percebê-los e interpretá-los. Isso é o que Geertz (1978) chamou de “descrição densa.” Geertz vai buscar o termo “descrição densa” em Gilbert Ryle. Nas palavras de Gilbert Ryle (apud Geertz [1973] 1978: 15), fazer etnografia produz uma “descrição densa”. Entre a “descrição densa” e a “descrição superficial”, estaria contido o objeto da etnografia, na visão Geertziana. A título de exemplo, entenda-se “descrição superficial” como aquilo que alguém está fazendo (uma rapariga que observa o seu cabelo no espelho), e a “descrição densa” como interpretar aquilo que ela está fazendo (perceber se, ao olhar para o seu cabelo no espelho, existe alguém a observá-la). Nesse intermédio, há uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes”, um conjunto de significantes, ou, melhor, “um mundo que tem vida”. Percebe-se que a partir desse aspecto, Geertz ([1973]1978) considera os significados e suas interpretações como núcleo de sua antropologia, isto é, como se fossem textos. Tratados como se fossem textos, as culturas devem ser lidas de diversas formas. O antropólogo seria como um “crítico literário”, e não um decifrador de códigos (uma alusão à análise estruturalista proposta por Lévi-Strauss). O crítico literário constrói o significado, e o estruturalista decifra-o, como se houvesse apenas um código. O antropólogo, por sua vez, como o crítico literário, captura do comportamento dos nativos informações diversas com múltiplas referências. Por isso, a etnografia é uma atividade complexa: é muito mais do que uma descrição superficial sobre que o sujeito está fazendo. É uma “descrição densa”, uma vez que os comportamentos se embarçam em “teias de significado.” Assim, uma descrição densa tem por objetivo captar a teia de significados que estão em jogo em um determinado contexto, em uma dada cultura. A importância da etnografia feita através da “descrição densa” está em perceber as particularidades, ou “miudezas”, através das seguintes características: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixa-lo em formas pesquisáveis (...) ela é microscópica” (Geertz [1973] 1978: 31). Somente a descrição densa permitiria distinguir os tiques nervosos, as piscadelas por conspiração com um amigo, as piscadelas por imitação e as piscadelas ensaiadas. A distinção será obtida diante do sentido impresso pelo sujeito, na medida em que é compartilhado e compreensível pelos demais.

rem o desejo de regressar ao estado de ‘communitas` (discurso da competição).

DISCURSO DO DESCOMPROMISSO

Dos descompromissos masculinos

Os homens solteiros (jovens entre os 18 e os 30 anos), tanto os clientes como os bar-men (os mais experientes e aqueles que se deslocam aos espaços de congregação noturna com o intuito de terem as primeiras experiências sexuais), muitas vezes, saem acompanhados sobretudo das jovens (da mesma faixa etária) com quem trocaram uns olhares, beijos, toques, abraços e/ou carícias. Os relacionamentos erótico-amorosos destes jovens são geralmente de curta duração: umas horas, ou em certos casos, algumas semanas.

Estas pessoas não pretendem consolidar os vínculos, aprofundar uma relação, contrair matrimônio (pelo menos a curto/médio prazo), nem coabitar. E o desejo de formar uma nova família (domínio da estrutura) é substituído pelo fantasma do engate por uma noite (one night stand), criando uma clivagem acentuada entre sexualidade e afetividade:

“ A mim interessa-me provocar uma reação, não me interessam os sentimentos (...). Sinto a outra pessoa como um objeto, principalmente quando estamos debaixo dos lençóis.” (F., 30 anos, solteiro)

Neste tipo de relações anti-estruturais, é o prazer sexual que é privilegiado:

“Procuo aliviar o estresse com essa pessoa só no momento e não tenho obrigatoriamente que me encontrar com a pessoa nem ficar amigo dela. Tenho uma pele com muito pouca memória. (...). O que me interessa é viver o momento de prazer sexual, é atingir o orgasmo.” (A., 26 anos, solteiro)

O que estes jovens pretendem é uma busca de intensidade e a realização do fantasma de gratificação da “busca de intensidade” pelo outro. A duração do relacionamento erótico-amoroso e a estruturação desse relacionamento seriam a causa da perda da intensidade e da felicidade:

“Não penso em casar-me nem viver com ninguém. Apenas quero passar uma excelente noite de sexo. Nada mais (...). Não quero compromissos nem conhecer nenhum familiar ou amigo dela.” (S., 22 anos, solteiro)

“Viver intensamente a vida” (sem chatices, prisões ou compromissos), “viver intensamente o momento” (provocando uma reação no outro), “aliviar o estresse”, “sem sentimentos” são expressões que representam o desejo de uma moratória social (Erikson [1968] 1976) que permita o escape à submissão/repressão estrutural. Nesse contexto, o

“corpo” feminino é visto como uma ratoeira (tem família, pode engravidar ou buscar a conjugalização, com as inerentes responsabilidades econômicas e sociais):

“Eu, quando termino as relações sexuais que tenho com as minhas parceiras, vou-me logo embora, porque já sei por experiência própria e por aquilo que me foi contado que muitas mulheres vão para a cama com os homens com a intenção de casarem, ou de viverem conosco e depois querem ter filhos (...). Eu nunca dei o meu número de telefone, nem marquei um segundo encontro para que isto não acontecesse (...). Também não quero conhecer os familiares, pois isso cria logo uma espécie de compromisso.” (L. 28 anos, solteiro)

É devido a esse querer escapar à submissão/repressão estrutural que os sujeitos sentem uma vontade desesperada de fugir, mal o ato sexual termine. Se um homem sente que o objetivo da moça é o apoderamento da vida do jovem e a colocação do homem ao serviço do projeto social dela através da gravidez ou da busca de conjugalização, então não é estranho o duplo movimento pelo qual se exige a entrega erótica sem contrapartidas (a “rendição incondicional” do outro) e se furta aos relacionamentos sociais subsequentes. Esse comportamento revela uma vontade de prolongamento da moratória social (Erikson [1968] 1976) em que o sujeito experiencia a ilusão de relações associativas, estando o outro “disponível” para sustentar a realização do eu masculino, apresentando-se liberto das suas redes familiares e de amizade. O que o sujeito não quer é “conhecer nenhum familiar ou amigo dela”, nem quer “compromissos” (“casar” ou “viver com”) ou “chatices” (entenda-se: “filhos” ou confrontos com os familiares da parceira momentânea). Isso significa que ele não quer “prender-se” e, pelo contrário, “quer viver a vida intensamente”, buscando “novas experiências”.

Essa busca por novas e intensas experiências erótico-amorosas desprovidas de lações afetivas é o que Bauman ([2003] 2006) denomina de “amor líquido”, produto de uma cultura consumista que favorece a mercadoria pronta para uso imediato e o prazer passageiro. O sujeito é, pois, considerado uma mercadoria que, “tal como outros bens deve ser consumida instantaneamente e usada só uma vez, pois usada repetidamente, a mercadoria adquirida impede a busca da variedade e a aparência de novidade vai-se desvanecendo e apagando em cada uso” (Bauman [2003] 2006: 72). O bom consumidor sexual é aquele que, na opinião de Bauman ([2003] 2006), quer ser seduzido e, tão logo usufrua a nova sensação/emoção, sente-se esvaziado e voraz por mais satisfação. A felicidade para esses sujeitos é obtida através da mudança constante, da novidade, da possibilidade de acumular diferentes sensações nas experiências sexuais.

Dos descompromissos femininos

Os discursos proferidos por algumas mulheres (sobretudo as jovens solteiras entre

os 18 e os 30 anos e as divorciadas entre os 35 e os 55 anos) que não querem conjugalizar veiculam a ideia de um encontro de expectativas com os homens que também não pretendem contrair matrimônio, uma vez que, para essas pessoas, a felicidade enfatiza a ideia de “viver o prazer do momento”, sem ter em conta os riscos:

“Eu gosto de variar de parceiro sexual (...). Comecei a tomar a pílula aos dezesseis anos porque tinha muita acne. Mas a pílula acabou por servir como contraceptivo. Desde os meus dezesseis anos que tenho uma vida sexual muito ativa (...). Eles nem sempre usam preservativo e eu sei que existem muitas doenças que se transmitem sexualmente. Tenho medo de apanhar sida [Aids], mas quando estou com eles não penso nisso. O que conta nessa altura é o prazer que estávamos a viver, são esses momentos maravilhosos que interessam. Se pensasse nas doenças sexuais sempre que fosse para a cama com alguém, acho que não chegava a ir. Não podemos racionalizar tudo, porque senão não fazemos nada ou quase nada e a vida passa a correr, não é?” (L., 19 anos, solteira)

Na atualidade, a liberdade individual é tomada como referência, valor maior, e, por isso, abre-se mão de parte das possibilidades de obter segurança para se ter felicidade¹² individual, ou seja, para se obter prazer, “sempre mais prazer e sempre mais aprazível prazer” (Bauman [2000] 2000: 9). Assim sendo, o que se torna evidente para essas pessoas que têm diversas experiências sexuais é o esplendor do encontro sexual e o desenvolvimento de uma *ars erotica*¹³. Estamos perante o que Giddens ([1992] 1995) refere ser uma “sexualidade plástica”¹⁴, isto é, uma sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução e da conjugalidade. A emergência da “sexualidade plástica” é fundamental para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. Os encontros sexuais efêmeros femininos encerram essa reivindicação feminina ao prazer sexual imbuído de encantamento anti-estrutural, como nos referiu uma entrevistada:

“Tive algumas experiências com algumas pessoas em que passamos uma noite maravilho-

12 Pensamos que, atualmente, o que sucede não é uma troca de segurança por felicidade individual, mas sim o desejo de manter a liberdade – para fazer o que se bem quiser e como se quiser – e a segurança. Embora o sujeito não queira mais abrir mão das suas satisfações e procure sempre mais e mais prazer, ele também não pretende abandonar as possibilidades de ter segurança. O que o sujeito quer é uma liberdade livre de riscos, ele quer disfrutar da sua liberdade e pretende ter um “final feliz” garantido (Bauman [1997] 1998).

13 Foucault aborda esse tema de uma forma exemplar: “Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, tomado como prática e recolhido como experiência; não é relativamente a uma lei absoluta do permitido e do proibido, não é por referência a um critério de utilidade que o prazer é considerado; mas, em primeiro lugar e sobretudo, relativamente a si próprio; nela, há que conhecê-lo como prazer, portanto conforme a sua intensidade, a sua qualidade específica, a sua duração, as suas reverberações no corpo (...).” (Foucault [1984] 1994: 61).

14 Essa originou-se nas tendências para limitar a dimensão da família nos finais do séc. XVIII, desenvolvendo-se posteriormente como “resultado da divulgação da contraceção moderna e das novas tecnologias” (Giddens [1992] 1995: 2).

sa. Correu tudo muito bem e foi muito excitante porque envolvia o toque, as carícias, os odores que proporcionaram um enorme prazer (...). Não nos voltamos a ver porque não estava previsto e porque não havia mais nada para partilhar (...). Nunca pensei em casar com ele (...). Não quero ser mandada por ele nem por nenhum homem. (...).” (M., 30 anos, solteira)

A interpretação do comportamento feminino de descompromisso está relacionada com o comportamento de simetria em que a mulher se identifica com o homem ao pretender escapar à submissão da repressão estrutural. Os discursos de algumas das nossas entrevistadas expressam a ideia de que as mulheres não pretendem conjugalizar, pois isso implicaria a submissão às tarefas domésticas e ao marido. Isso relaciona-se com o que Kaufmann (1992 [1999] 2000) afirma ser uma necessidade permanente que a mulher tem de se individualizar através da luta contra os constrangimentos causados pelas tarefas domésticas.

DISCURSO DA COMPETIÇÃO

Das competições femininas

A produção alargada de um período de amor livre na adolescência feminina (experiências pontuais, perda de virgindade com um desconhecido etc.) parece constituir, atualmente, uma tentativa de entrar no espaço de sedução com um capital de experiência. Hoje em dia, muitas jovens, por simetria, dizem que começam a seduzir mais cedo do que os rapazes, perdem a virgindade mais cedo do que eles e são mais atrevidas do que eles. Algumas dessas jovens explicitam também que já dormiram com um número considerável de rapazes. Algumas delas não interiorizam as expectativas sociais limitadoras a seu respeito, não dando importância aos julgamentos severos que são feitos sobre as suas experiências sexuais múltiplas:

“Já tive relações sexuais para aí com uns doze ou treze rapazes (...). Houve dois que me disseram que só perderam a virgindade aos dezesseis anos. Se calhar, há rapazes com a minha idade que ainda são virgens (...). Quando estou com um rapaz, faço questão de lhe dizer sempre que perdi a virgindade aos treze anos. Há uns que não acreditam (...) Há pessoas que me apontam o dedo por eu ter alguns parceiros sexuais. Não me interessa o que as elas dizem sobre mim” (A., 18 anos, solteira)

Verificamos que algumas mulheres que frequentam os espaços de congregação noturna defendem uma posição celebratória que, até finais dos anos setenta, não era muito conhecida. Essa posição é característica sobretudo das jovens solteiras (entre os 18 e os 25 anos) e das divorciadas (entre os 35 e os 55 anos). Nas palavras de uma entrevistada:

“Eu e algumas amigas minhas se arranjamos uma curte num bar ou numa discoteca é sempre mais um para o diário, “para a coleção”. Nada de casamentos. Estamos sozinhas nas nossas casas e podemos ter os cambalachos que quisermos.” (S., 32 anos, divorciada)

Essas mulheres afirmam que, apesar de muitas amigas suas serem inibidas, elas não são e querem ir para a cama com homens por quem não estão apaixonadas e não pretendem conjugalizar com eles. Isto é que as torna felizes. Tal fato é bem diferente do ethos do amor romântico que conduziu as mulheres a uma severa sujeição doméstica. Foi exatamente a emancipação sexual e a autonomia femininas que fragmentaram os ideais do amor romântico¹⁵ (Giddens [1992] 1995). Estes definiam-se nos finais do séc. XVIII e no séc. XIX como: a) o elemento sublime do amor tende a predominar sobre aquele do ardor sexual; b) enorme importância conferida à “virtude” que significa não apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como “especial” (Giddens [1992] 1995).

DAS COMPETIÇÕES MASCULINAS

As competições triádicas

O discurso da competição, no nosso estudo, no que diz respeito ao sexo masculino, é característica sobretudo dos homens casados (entre os 45 e os 65 anos). Para alguns desses homens, a excitação da conquista funciona como a “pedra” que, com a continuidade, tende a tornar-se a “dose” que se evidencia através do engate, em uma certa busca sexual incessante. Trata-se de uma experiência em que existe a força da atração para o ato que tende a incluir um sentimento de inadequação à estrutura: as normas, a honra, a ética, a moral não são compatíveis com o que o sujeito está fazendo:

“Preciso mesmo de estar sempre a seduzir. Às vezes nem dou pela sedução, é tudo tão rápido. A sedução é mesmo algo que eu não consigo parar de fazer (...). Como sou um homem casado, devia ter mais juízo, devia controlar-me, mas faço exatamente o contrário.” (M., 47 anos, casado)

¹⁵O nascimento dos ideais românticos está intrinsecamente ligado aos diferentes níveis de influência que afetaram as mulheres desde os finais do séc. XVIII. São eles: a) a criação do “lar”; b) a mudança nas relações pais/filhos e c) a “invenção da maternidade”. (Giddens [1992] 1995).

A figura que melhor personifica o comportamento de sedução incesável é a de Don Juan. Para ele, só interessa o instante de prazer proporcionado pelo triunfo da conquista (Crépault 1997: 120), principalmente quando a mulher é casada (domínio da estrutura) e muito particularmente se for a mulher do seu melhor amigo.

A quantidade de mulheres que o sujeito diz ter conquistado ou “caçado” ou que apresenta aos seus pares aumenta o seu poder e a sua fama e ele tira partido do seu papel de sedutor de mulheres casadas (tira orgulho de exibir os seus comportamentos de infração) e das emoções negativas que suscita nos outros (nos sujeitos não sedutores ou nos sedutores mal sucedidos), principalmente a inveja e o ciúme. Isto é que é a felicidade para esses sujeitos:

“Já aconteceu também eu ter filmado as mulheres a terem relações sexuais comigo e depois ter mostrado o filme aos meus amigos (...). Geralmente reunimo-nos todos, ou seja, eu e os meus amigos e depois eu conto-lhes os pormenores das seduções, de como elas me acham melhor do que os maridos delas (...). Eu digo sempre aos meus amigos que ser casado é que é bom, se fosse solteiro não tinha tanta piada estar a seduzir (...). Um homem casado arrisca muito mais do que um solteiro. Um homem casado pode ser descoberto pela mulher (...). Os meus amigos acreditam em mim porque veem as fotografias e os vídeos. Às vezes dizem-me que eu só consigo ir para a cama com elas porque prometo casar com elas ou porque lhes pago mas isso não é verdade, o que eles têm é inveja.” (M., 53 anos, casado)

Este sedutor de mulheres casadas torna-se assim um herói masculino gabando-se do que faz e exprimindo indiretamente o que muitos homens comuns – por razões de “afirmação triunfante do self” masculino na terminologia de Evans Pritchard ([1956] 1970) – gostariam de fazer: dormir com as mulheres dos outros. O que se torna deveras evidente é o desejo de regresso ao estado de ‘*communitas*’, materializado na vontade de voltar à adolescência e recomeçar tudo de novo, isto é, voltar a seduzir.

DISCURSO DA FIDELIDADE

Das fidelidades masculinas

Há homens casados (entre os 45 e os 55 anos) que são desfavoráveis às relações sexuais extramatrimoniais. São sujeitos que seduzem com um olhar, um sorriso e, quando conseguem prender a atenção de determinada mulher, terminam com a sedução. Estamos perante sujeitos que não têm relações sexuais com as mulheres que seduzem:

“Costumo ir quase todos os Sábados à noite a um determinado bar (é sempre o mesmo) com os meus amigos. Uma vez no bar conversamos, bebemos e observamos as miúdas

que por lá andam. Às vezes eu não me limito a observar, também seduzo uma ou outra rapariga. Seduzo apenas com uns olhares. Às vezes elas aproximam-se e metem conversa. Outras vezes sou eu que inicio a conversa. Depois, se elas se mostram muito interessadas e eu me apercebo que querem mais qualquer coisa, invento uma desculpa e vou-me embora. Nunca chego a vias de facto. Sou um homem casado e sou absolutamente contra ir para a cama com mulheres que não a minha.” (J. 62 anos, casado)

O que está evidente aqui é a ideia de lealdade à estrutura. Esta perspectiva preconiza o matrimônio como o enquadramento da sexualidade lícita. Estamos perante – e parafraseando Foucault ([1984] 1994: 190) – uma conjugalização das relações sexuais. As relações sexuais conjugais são a consequência e a manifestação de um direito e a sua importância para muitos homens reside na cobrança do desempenho sexual masculino. Este expressa-se através do cansaço que o homem produz na mulher e na capacidade que ele tem de orquestrar e controlar a relação sexual. Na relação sujeito-objeto, esses homens pretendem ser sempre o sujeito; querem sempre dominar, isto é, estar aos comandos e forçar o outro a reagir. Nas palavras de um entrevistado:

“Quando estou a ter relações sexuais com a minha mulher sou eu que mando. Até agora não houve nenhuma vez que ela me desobedecesse. Eu é que digo quais são as posições que devem ser feitas (...). Nunca fico por baixo de uma mulher, isso seria uma humilhação.” (J., 46 anos, casado)

Mas a fidelidade é difícil de ser delimitada¹⁶. Certos olhares podem provocar um efeito mais forte do que algumas relações sexuais. Esta questão impele-nos a definir as fronteiras da “traição” sexual. O que está em causa é o que se imagina mas não se faz.

DISCURSO DO COMPROMISSO

Dos compromissos femininos

Cerca de um terço das mulheres entrevistadas afirmam pretender envolver-se emocionalmente (sobretudo as mulheres solteiras entre os 25 e os 40 anos) com os parceiros erótico-amorosos. Essas mulheres dizem precisar de carinho e de sentir que o amor é recíproco e conferem importância à sexualidade entendida como um canal de afetos que perduram para além das relações sexuais. Estas não são, pois, um prazer que vale por si, mas devem ser inseridas em uma relação amorosa sólida e envolvente. Estamos perante mulheres que afirmam mesmo que só vão para a cama com alguém por quem estejam

16 Georges Devereux ([1967] 1980) afirma que as mulheres Sedang só eram consideradas infiéis ao marido se houvesse penetração vaginal, pelo que praticavam de forma impune sodomia com os amantes.

apaixonadas e pretendem a curto ou médio prazo coabitar ou contrair matrimônio (domínio da estrutura) com essa pessoa. Algumas dessas mulheres acabam mesmo por contrair matrimônio com os sujeitos que conheceram nos espaços de congregação noturna. Este é denominado “casamento por amor” que depende da escolha pessoal dos cônjuges e contrasta com o “casamento por arranjo”, dependente das negociações entre famílias que esteve em vigor sobretudo até ao início do séc. XX (Bozon [2001] 2003).

Devo ressaltar que as mulheres que querem envolver-se emocionalmente não acreditam no “príncipe encantado” (Kaufmann [1999] 2000) nem no amor para toda a vida. Elas pretendem uma relação especial em que ambos os parceiros se abram um ao outro. Estamos perante aquilo que Giddens ([1992]1995) denomina de “amor confluyente”. Este introduz a *ars erótica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. O “amor confluyente” está ancorado na “relação pura” que se baseia no compromisso, na confiança e na intimidade. Essa está relacionada com “uma questão de comunicação emocional com os outros e com o próprio num contexto de igualdade interpessoal” (Giddens [1992] 1995:90). Por seu turno, a confiança não tem suportes exteriores e tem de ser desenvolvida com base na intimidade (idem: 96). Relativamente ao compromisso, este é necessário para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, mas não evita que o relacionamento venha a dissolver-se. Nesse tipo de relacionamento – “relação pura” -, o que conta é a qualidade da própria relação, dependendo a continuidade da mesma do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair do relacionamento (Giddens [1992] 1995)¹⁷. E aqui corroboramos a opinião de Bauman ([2003] 2006: 117) de que o compromisso com um determinado sujeito ou sujeitos, em particular o compromisso incondicional e certamente aquele do tipo “até que a morte nos separe”, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, parece cada vez mais uma armadilha.

Existe ainda uma outra realidade: cerca de um quarto das mulheres solteiras (entre os 25 e os 40 anos) deslocam-se aos espaços de congregação noturna com o intuito de dominarem um determinado homem através da busca do matrimônio e da reprodução. Podemos denominar o jogo dessas mulheres, como sendo o “jogo da mãe”. O que está em causa aqui é a vontade da mulher conjugalizar para se reproduzir.

Do ponto de vista masculino, este projeto feminino representa simbolicamente os sacrifícios que o homem tem que fazer como marido, como seja partilhar as tarefas domésticas, e como pai, que tem de ir levar e buscar os filhos à escola e outros tantos deveres, que impedem o homem de ser o “super-homem” e, nesse sentido, há um sacrifício às

17 O atual relacionamento puro, na descrição de Giddens ([1992] 1995: 95): “não é, como foi em tempos, o casamento, como uma «condição natural» cuja durabilidade possa ser tomada como algo garantido, a não ser em circunstâncias extremas. É elemento constitutivo da relação pura poder ser acabada, mais ou menos à vontade, por cada um dos parceiros, num determinado ponto. No entanto, por ser necessário o compromisso para uma relação ter possibilidades de durar, quem se compromete sem reservas arrisca-se a sofrer muito, no futuro, se a relação acaba.”

finalidades da natureza que o impossibilitam de prosseguir com as finalidades da cultura. Podemos afirmar que, grosso modo, este fantasma masculino é materializado “filosoficamente” na “linha que vai da imagem da mulher erótica como ratoeira biológica, colocando o homem adulto ao serviço da mulher-mãe e dos seus filhos, em Schopenhauer, à produção da imago do “super-homem”, liberto da natureza, em Nietzsche” (Bastos 2003: 47).

Algumas dessas mulheres que casam com o objetivo da reprodução muitas vezes nem se interessam pela sua satisfação sexual. Aliás, algumas das mulheres que pertencem a esse modelo disseram-nos que fingem gostar de fazer amor com os seus maridos.

Para além do “jogo da mãe”, existe também outra “ratoeira” feminina evidenciada através do “jogo do estatuto”. Neste modelo, as mulheres dizem que gostam dos homens, mas só casam com eles se estes tiverem um elevado estatuto sócio-económico. Algumas dessas mulheres dizem que não gostam de fazer amor com os seus maridos, e só o fazem porque pretendem obter dinheiro e prestígio:

“Quando vou para a cama com o meu marido, faço-o por favor. Para mim, não é muito importante ter relações sexuais com ele. Interessa-me muito mais ir almoçar ou jantar num bom restaurante, passear com ele no estrangeiro; escolher roupa de marca ou comprar um quadro da Vieira da Silva.” (L., 48 anos, casada)

O estatuto económico e o prestígio são uma forma de pagamento, por parte do homem, da entrega sexual feminina. Algumas mulheres disseram-nos que, se encontrarem outro homem com um estatuto sócio-económico superior ao do marido, divorciam-se do cônjuge e casam-se com o sujeito de elevado estatuto.

DISCURSO DA DESREPRESSÃO

Das desrepressões masculinas

A amante

Há sujeitos que, quando estão descontentes com a sua relação matrimonial, optam por se separar ou divorciar; outros encetam um relacionamento erótico-amoroso com uma amante. É sobre esta última situação que nos vamos reportar. Um dado relevante refere-se ao fato de que foram apenas os sujeitos do sexo masculino (entre os 45 e os 65 anos) que nos falaram das suas relações extra-matrimoniais. Para estes sujeitos, o tempo passado com a amante pretende ser um tempo extraordinário, separado, recortado das relações posicionais e estatutárias existentes no domínio da estrutura. A amante funciona como o contrário da estrutura: ela é o contrário da mãe da sua infância (dotada de autoridade), da esposa, que assumiu a autoridade na vida familiar, isto é, ela é o refúgio, a ilha paradisíaca. O que o homem que se sente incapaz de transformar a “realidade” pretende

é uma ação positiva de alheamento do cotidiano diurno, tal como se representam para ele os mundos do trabalho e da família. Nessa acepção, a amante resulta de uma ideia de felicidade ligada à construção ativa de uma ilusão compensatória, tomada como exemplo de uma realidade inacessível no contexto da vida cotidiana:

“Quando estou com a M. é tudo tão diferente, esqueço-me de todas as minhas preocupações: as discussões com os meus colegas de trabalho, as ordens da minha mulher. Quando estou com a M. só penso em fazer amor (...). Com ela corre sempre tudo bem, porque ela não fala comigo sobre os problemas, nem sobre os dela, nem sobre os meus. Aliás, quando estamos juntos (cerca de duas vezes por semana) ela nunca manda em mim, nem eu mando nela, não existem problemas.” (E., 48 anos, casado)

Para muitos desses homens, a causa da felicidade que os faz alhear-se dos constrangimentos nas estruturas sociais caracterizados por relações de dominação-subordinação no domínio conjugal e profissional (Vatin 2000) é o abandono ao prazer sexual e a construção de um mundo secreto: a relação anônima que estabelecem entre si. Os sujeitos necessitam de “um espaço intermediário, reivindicado como espaço de liberdade relativamente aos constrangimentos sociais.” (idem: 201). Os amantes encontram-se de tempos em tempos e a unidade elementar desse erotismo constitui um intervalo, um intervalo de felicidade para a vida daquelas pessoas. O erotismo, neste caso, reclama ausência de preocupações cotidianas (Alberoni 1986). No dizer de um entrevistado:

“Eu encontro-me com a S. duas a três vezes por semana para fazermos amor. O sexo para nós é muito importante, é mesmo fundamental. Tentamos variar ao máximo para não cairmos na rotina. Sabe tão bem a pessoa encontrar outra que está na mesma onda: sexo, sexo e mais sexo. É claro que gostamos um do outro, mas não nos amamos, nem estamos profundamente apaixonados. Não pretendemos casar, nem viver juntos. A nossa relação é mais naquela base do que hoje em dia chamam de amizade colorida, para nos esquecermos um bocado dos problemas no trabalho e dos deveres familiares.” (M., 41 anos, casado)

Há sujeitos que evidenciam a importância do imprevisto e dos riscos voluntariamente corridos nos seus relacionamentos extramatrimoniais:

“Tive uma relação extraconjugal muito forte, que durou seis anos e me marcou muito, porque – entre outros fatores – foi uma relação sobressaltada, cheia de imprevistos e até de alguns perigos e, isto tudo junto, contribuiu para apimentar a relação.” (B., 56 anos, casado)

Estamos perante situações em que os sujeitos estão conscientes dos riscos implicados no que fazem, mas correm esses riscos e usam-nos para criarem algo que falta às circunstâncias rotineiras pautadas por deveres e obrigações: a centralidade do papel do

“herói”, capaz de inverter a seu favor a hierarquia dos poderes organizadores.

Como refere Balint (1959), a emoção das atividades de risco, abarca diversas atitudes discrimináveis: a) consciência da exposição ao perigo; b) uma exposição voluntária ao mesmo; c) e a expectativa relativamente confiante de ultrapassar esse perigo. E como é que estes sujeitos conseguem ultrapassar esse perigo? De acordo com os dados das entrevistas, certos maridos dizem às suas mulheres que vão para o trabalho fazer umas horas extra, ou fazer a contabilidade, ou então que vão para um segundo emprego, ou ainda que vão a uma reunião sindical que os legitima.

As prostitutas

Temos estado a reportar-nos à desrepressão estrutural masculina através das amantes. Mas homens há que nos disseram que não têm amantes, mas frequentam esporadicamente as prostitutas. No entanto, estes homens são em valor residual. Estamos perante sujeitos que são na sua maioria casados e pertencem à faixa etária situada entre os cinquenta e os sessenta e cinco anos.

Há casos em que os clientes “habituais” das prostitutas, como o demonstra o estudo de Alves e Costa (2001), justificam a sua ida às mesmas no intuito de aprenderem técnicas que lhes permitam aumentar a satisfação das respetivas esposas e/ou companheiras. Se isso se confirma (o que não acontece no presente estudo), podemos afirmar que, neste caso, estamos perante o “amor confluyente” (relativamente ao relacionamento entre o frequentador das prostitutas e a sua esposa) que se choca com as qualidades de “único e exclusivo”, características do complexo do amor romântico (Giddens [1992] 1995).

Um outro significado da prostituição é que, entre os clientes, há sujeitos que experienciam o sexo impessoal sem envolvimento emocional, nem compromisso de conjugalidade em uma relação composta por um jogo de simulacros sexuais que são classificados como mais satisfatórios do que a ausência de contactos sexuais, ou do que os contactos sexuais com as namoradas ou com as esposas, que podem ser mais passivas ou impõem certos limites devido à educação que receberam, na qual está presente uma certa carga moral. Na opinião de Bozon ([2001] 2003: 146), a passividade sexual feminina relaciona-se com o período pós iniciação do casal, em que “a sexualidade tornar-se-ia um âmbito masculino, no qual o papel da mulher seria de responder à solicitação do homem, antes que de propô-la”. Outro fator que tende a interferir no “apagamento progressivo” do desejo feminino seria a “rivalidade entre o papel conjugal e o papel parental, que é mais exacerbada para as mulheres e que faz declinar o lugar relativo da sexualidade na relação entre cônjuges e na representação que elas têm de sua identidade” (idem *ibidem*).

A prostituta pode adequar-se às fantasias sexuais masculinas, aceitar os ritmos e os desejos eróticos dos homens, mas o faz por um período de tempo limitado e por detrás de um preço faturado (Person [1995] 1996: 152), isto é, ela aceita as fantasias sexuais dos

seus clientes, mas apenas com a condição de ser paga. Ao fazer-se remunerar explicitamente, ao evidenciar que não há amor, mas interesse e cálculo, a prostituta permite ao cliente reduzir as ansiedades associadas ao fracasso do desejo de envolvimento em casal, bem como as angústias comparativas, associadas à ideia de que a culpa da frigidez da esposa resulta de ser “menos homem” do que outros homens (passados ou futuros, na vida da mulher), devolvendo ao cliente o seu egocentrismo, prejudicado pela conjugalidade. Assim sendo, as relações com prostitutas representam uma mediação típica entre o lado estrutural da estrutura e o seu lado contra-estrutural (estruturalmente marginalizado) e nunca a ‘*communitas*’ que, por definição, é gratuita como todo o amor livre.

Muitos desses sujeitos pensam que as prostitutas (e as mulheres no geral) gostam de homens brutos e de ser mandadas. Eles praticam sexo oral, anal e concebem as prostitutas como “objetos sexuais depreciados, a quem se vincule psicologicamente a possibilidade de completa satisfação sexual.” (Freud [1930] 1997: 85). Alguns desses homens dizem obscenidades a estes “objetos sexuais depreciados”: “sua puta”, “grande cabra”; outros dizem: “mata-me”, “destrói-me”, “brutaliza-me”, ou vou “matar-te”, evidenciando cenários sadomasoquistas. A partir daí pode começar a haver uma série de simulacros perversos como o atar as pernas e os braços da mulher. O homem pode querer fazer sexo segurando os punhos com muita força como se estivesse a simular a violação. Isto é que produz felicidade nesses sujeitos.

As relações sexuais ocasionais

Existem homens que procuram um leque diversificado de conquistas sexuais, mas não com prostitutas. Esta procura da variedade sexual está ligada à ideia de mistério, que se relaciona com o consumo do novo objeto sexual e as suas promessas positivas, e opõe-se ao hábito, como saturação da repressão inerente às posições, aos *status* e às funções compartimentadas referentes ao domínio da estrutura conjugal.

Em muitos casos, no casamento, depois de um determinado número de anos, o estímulo erótico perde a força. No nosso estudo, isto acontece fundamentalmente com os homens. A força para alguns sujeitos só é encontrada através de um abandono ainda que temporário da estrutura matrimonial e de uma busca de um relacionamento, ou de vários, que pode não levar à separação e ao divórcio, mas que, para aquelas pessoas, serve para se alhearem da estrutura conjugal. Este princípio pode inscrever-se no que Vatin (2000) refere ser a “criação de espaços de autonomia”, em que a mulher se define sem referência ao mundo conjugal e doméstico. Tais espaços de autonomia são sobretudo para o desenvolvimento da identidade pessoal da mulher (Kaufmann 1992; Singly 1996). Isto é que é a felicidade para essas mulheres:

“Eu tenho relações sexuais com a minha mulher, mas sinto que preciso de outras mulheres, outros relacionamentos novos, porque em casa o ambiente é quase sempre de cortar à faca. Estamos sempre a discutir. Eu quero mandar e ela não deixa ou então nem obedece. Eu gosto de mulheres obedientes e que façam o que eu quero, principalmente na cama (...). A minha mulher na cama só faz aquilo que ela quer e em casa ela quer mandar em mim e está sempre a dizer-me aquilo que eu devo ou não fazer (...). Até agora ainda não pensei em divorciar-me da minha mulher. Os meus encontros com outras mulheres são só mesmo para ter relações sexuais. Até agora ainda não houve nenhuma que batesse forte a nível de sentimentos.” (P., 39 anos, casado)

Muitos homens casados disseram-nos que, quando estão tendo relações sexuais com uma mulher desconhecida, encontram-se em uma posição de abandono sexual desenfreado, em que o prazer é muito intenso e isto já não sentem com a própria mulher:

“Quando tenho relações sexuais com uma mulher desconhecida é sempre bom, pois há sempre algo novo, uma posição, um toque, uma carícia que me proporciona um enorme prazer. Com a minha mulher isto não acontece. Já conheço o corpo dela, já sei quais são as suas zonas erógenas. Sabe, as zonas erógenas femininas variam muito de mulher para mulher: numas são os mamilos, noutras a zona púbica, noutras, os lábios, noutras a língua, noutras o ventre e nem todas se vêm da mesma maneira. É sempre bom descobrir o que é que dá prazer a uma determinada mulher. Com a minha mulher já esgotei toda a criatividade. Com ela já sei o que é que lhe dá prazer. Aliás, ela não é uma mulher que sinta grande prazer com o sexo. Nunca foi. Com ela nunca houve mistério. Minto, houve um bocadinho, da primeira vez. Mas ela depois começou a recusar determinadas práticas sexuais” (J., 46 anos, casado).

A ideia de mistério e de curiosidade repousa na concepção de que cada sujeito ignora como goza o outro (ou mesmo se realmente goza). A dinâmica emocional do gozo no encontro sexual, o desconhecido que cada gozo pretende fazer descobrir, está intimamente relacionado com a reafirmação constante que o sujeito tenta conseguir do seu poder de sedução (Dolto [1981] 1993: 310).

Um novo parceiro sexual é um estímulo erótico e o prazer sexual tende a ser mais intenso pois o que está em causa é o gozo do novo, que é vivido como algo diferente, uma nova experiência que funciona como uma experiência anti-estrutural. O que está em causa é também a busca de pessoas que “queiram” e “escolham” o sujeito e a relação sexual com ele e que “tenham entusiasmo” ou “enlevo”, tendo como contraste a namorada ou a esposa “que fazem o frete” ou que rotinizam mais uma tarefa: a tarefa sexual. A associação é entre sexualidade e felicidade, enquanto polo oposto da depressão (estagnação, tristeza

e desespero). É por isso que estes sujeitos no momento em que vivem a experiência sexual não pensam nas consequências, mas sim na felicidade de “viver o prazer do momento” proporcionada pelo consumo do objeto sexual.

Qual é então a felicidade para a maioria homens (independentemente da idade e do estado civil) que frequentam os espaços de congregação noturna? É ter uma mulher “livre” na cama. Tal desejo está intimamente associado com o fantasma masculino de que a mulher é totalmente não seletiva e sexualmente incansável. O grande sonho de muitos homens é o da mulher como anti-estrutura, aquela que oferece gratuitamente aquilo que ele quer e depois se vai embora. O homem pode sonhar com uma mulher que mostra o peito e diz: “Olha as minhas maminhas, podes olhar e podes tocar. Não pagas nada, não quero nada em troca, não tens que casar comigo” (T., 24 anos, solteira). Estamos perante a mulher gratuita, oferecida e disponível que diz: “estás a achar-me tão bonita, os meus beijos são fantásticos e tenho um corpo que é melhor do que o de todas as outras mulheres. Podes comer-me agora e depois podes ir-te embora.” (T., 24 anos, solteira).

Diversos homens (principalmente os casados situados na faixa etária entre os quarenta e os sessenta e cinco anos) afirmam que, se essa mulher se oferece sexualmente com tanta facilidade, é muito provável que consigam dormir com ela naquela noite. Se eles fossem para a cama com as prostitutas, teriam que pagar, com ela é tudo grátis. Este fenómeno está muito presente no mito do amor livre que, nos anos 60-70 (revolução sexual), punha em rota de colisão muitos rapazes e moças, uma vez que o fantasma masculino era que todas mulheres queriam, como eles, fazer amor livre.

DAS DESREPRESSÕES FEMININAS

Do controle dos pais

No nosso estudo, as mulheres que vão em busca do mistério, do novo, e da felicidade provocada pelo “prazer do momento” como uma forma de fuga à repressão estrutural (causada pelos pais) são sobretudo as divorciadas (entre os 35 e os 55 anos). Algumas dessas mulheres afirmam que vão para a cama com um homem em uma semana, com outro em outra semana e isto tende a acontecer porque algumas delas foram controladas pelos pais até os trinta anos:

“Os meus pais são muito autoritários e repressivos e, enquanto vivi com eles, tive só um namorado, mas a relação durou pouco tempo, por que nós não aguentamos a pressão dos meus pais. Esse namoro não passou de uns beijos, abraços e algumas carícias (...). Agora que já não vivo com eles há quatro anos e tenho a minha casa própria, posso levar para lá as pessoas que quiser. Neste período de quatro anos de liberdade a todos os níveis, incluindo o sexual, já dormi com 16 homens, 11 dos quais foram convidados para dormir

em minha casa (...). Travei conhecimento com quase todos eles em bares de Lisboa.” (S., 45 anos, solteira)

Os relacionamentos amorosos de algumas mulheres entrevistadas (principalmente aquelas situadas na faixa etária entre os quarenta e cinco e os sessenta e cinco anos) eram fortemente vigiados¹⁸ (estavam sempre “debaixo de olho”) pelos seus pais ou outros familiares ou amigos (os chamados “paus de cabeleira”). As idas aos bailes eram uma dessas ocasiões de apertado controle familiar. As moças que gozavam de permissão para sair à noite com as amigas tinham o horário de chegada em casa fortemente controlado pelos pais, horário que geralmente não excedia a meia-noite. Uma vez ultrapassada essa hora, havia uma repreensão: elas deixavam de poder sair durante um certo período de tempo.

Em Portugal, até aos finais da década de sessenta, a maior parte dos pais controlava a virgindade das filhas e a quantidade dos seus parceiros amorosos. Essa valorização moral da virgindade está relacionada com as consequências que advêm de uma relação sexual, sobretudo a gravidez indesejada e a obrigação de se casar com um pessoa que poderia não ser do seu agrado. Devo ressaltar também que, nessa época, existia uma divisão associada às mulheres: as solteiras virgens (casáveis) eram as mulheres “puras” (“sérias”) e as “impuras” eram as prostitutas. Da mesma forma, a atividade sexual estava dividida entre “a orientação para a reprodução e para a ars erótica – separação essa que classificava também as mulheres como puras e impuras.” (Giddens [1992] 1995: 120). O objetivo primordial do casamento era, de acordo com Reich ([1932] 1988), uma licença para as pessoas terem relações sexuais, o que nem sempre tinha continuidade, quando formalizado.

A partir dos finais dos anos de setenta, o que se tem vindo a verificar é um tênue controle (ou mesmo, em alguns casos, ausência de controle) dos pais sobre a sexualidade das filhas, relacionado com uma paulatina desierarquização familiar (Singly 1993). Isso deu-se devido à influência da difusão da contraceção feminina, dos movimentos feministas, da Revolução Sexual, do maio de 68 (Bozon, 2001; Singly, 1993) e da Revolução do 25 de abril de 1974, que produziram alterações das mentalidades (Brak-Lamy 2009). São diversas as jovens que têm relações sexuais apenas uma noite – “one night stand” –, o que nós denominamos de “curtir” ou “ficar”¹⁹ e que Reich ([1932]1988) designou de “relacionamento sexual momentâneo.” Em outros casos, os jovens encetam um namoro, que

18 Eis um relato de uma socióloga sobre o controle familiar relativamente às saídas noturnas femininas nos anos sessenta: “A presença de um terceiro - mãe, tia, ou menos frequentemente o irmão da jovem - ainda é indispensável para as saídas noturnas. Durante o dia permitia-se a saída do par para uma matinée, para um passeio, mas à noite esta atitude era indispensável.” (Alão 1990: 379)

19 “Curtir” ou “ficar” expressa uma forma de convívio situacional, momentâneo e passageiro. Assim sendo, as características do “curtir” ou “ficar” evidenciam uma forma de relacionamento que privilegia o «viver o momento», a falta de compromisso, a não fidelidade, a fragilidade e a transitoriedade do relacionamento entre parceiros. Estas características proporcionam uma troca e circulação entre parceiros muito frequente para quem “curte”/“fica”, e que fazem do “curtir”/“ficar” uma experiência que operacionaliza uma rede de trocas muito ampla entre os sujeitos, em que podem ser alargados os laços e círculos sociais dos seus praticantes.

pode não conduzir ao casamento. Assim sendo, a “característica mais significativa destes relacionamentos é a quebra de vínculo entre namoro e casamento, um não é obrigatório para que o outro ocorra” (Brak-Lamy 2009: 220).

Atualmente, as mulheres (e os homens) podem namorar pelo prazer da relação, podem namorar várias pessoas antes do casamento (se esta for a sua opção) e por um período longo ou curto, dependendo do seu interesse. Constituir família já não é uma condição necessária para se ter um parceiro sexual.

As mulheres (entre os 35 e os 55) que entrevistamos saem à noite quando bem entendem e dormem com quem pretendem, podendo não encetar nenhum relacionamento de namoro ou casamento. Essa desrepressão da estrutura familiar para experienciar livremente os relacionamentos erótico-amorosos e a sexualidade é o fator gerador de felicidade para essas mulheres.

Do controle do cônjuge

Há mulheres que, cumprindo o ideal da época, casaram muito cedo, por volta dos vinte anos, e só tiveram um relacionamento erótico-amoroso, relacionamento que foi com o marido, o qual não saía com elas à noite, nem lhes dava permissão para o fazerem. Essas mulheres trabalhavam de dia e, quando chegavam em casa, tinham que se ocupar das tarefas domésticas e cuidar dos filhos. Esses fatores – divisão do trabalho doméstico e procriação/educação dos filhos – tendem a aparcer na história do casal contribuindo para uma diferenciação geradora de desigualdade nas relações de género (Bozon [2001] 2003). Essas mulheres, tal como Kaufmann ([1999] 2000: 95) aponta, revoltam-se contra o papel social que a história lhes legou, “confindo-lhes as pesadas cargas da família e da casa, limitando, deste modo, as suas tentativas de voo” enquanto sujeitos autônomos.

Presentemente essas mulheres estão divorciadas e, depois dos quarenta anos, querem experimentar novos relacionamentos erótico-amorosos, mas a maior parte delas não pretende casar, querem “ficar sós” (Kaufmann [1999] 2000), sem serem controladas pelos parceiros, o que revela uma rejeição à estrutura matrimonial. Isso é que é sinônimo de felicidade para essas mulheres:

“O meu marido foi sempre muito pouco sociável e muito autoritário. Dizia que me queria proteger dos relacionamentos nefastos com certas amigas e não queria que me chamassem de dodivanas por conviver com elas, sair com elas à noite e conviver com outros homens. Divorciei-me há dois anos e agora saio com quem quiser, amigas, amigos e amantes. Nestes dois anos já tive três amantes (...). Estes relacionamentos - que não duraram mais de dois ou três meses - basearam-se sobretudo na simpatia que tinha por eles e numa forte atração. Sexualmente conjugávamo-nos às mil maravilhas, mas nunca quis casar ou viver com nenhum deles. Não quero ficar às ordens de nenhum homem. Agora sou livre, faço o

que quiser e ninguém manda em mim.” (C., 44 anos, divorciada)

Essas mulheres pretendem viver diversas experiências sexuais, distanciando-se da orientação conjugal, em benefício de uma abordagem mais individualista: deixando de conceber a atividade sexual como parte de um casal, elas podem viver experiências sexuais que percebem como uma liberação (Bozon [2001] 2003).

Do trabalho cansativo

Há mulheres divorciadas (sobretudo aquelas entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos) que não se queixam do comportamento de dominação do ex-marido mas afirmam que, enquanto estavam casadas, não saíam à noite porque trabalhavam até muito tarde e, quando chegavam em casa, tinham que cuidar dos filhos e, depois, quando eles já estavam deitados, descansavam vendo televisão com o marido. Agora, essas mulheres já estão divorciadas e queixam-se das relações no emprego, em que elas se sentem subordinadas aos seus superiores. Aqui o trabalho é entendido como sujeito ao exercício de dominação e ao “princípio de desempenho. Neste, o sujeito é identificado pela função que exerce no seu trabalho (profissão), assim como pelos comportamentos úteis e competitivos. (Marcuse 1970).

Os comportamentos femininos de sedução nos espaços de congregação noturna funcionam como escape a esses constrangimentos – dominação e “princípio desempenho” – vividos nos locais de trabalho. O motivo de felicidade para essas mulheres é a evasão a esse cotidiano laboral, através das experiências de sedução:

“Quando estava casada, trabalhava até tarde e depois só queria ficar a descansar em casa ao pé do meu marido. Mas só podia fazer isto depois de tratar das crianças e de as deitar. Agora que me divorciei há sete meses, tenho saído todos os fins de semana com as minhas amigas (...). Vamos para os bares para ver se vemos algum borracho e se isso acontecer partimos logo para a sedução. É bom seduzir alguém depois de uma semana de trabalho em que não tenho quase liberdade nenhuma, pois estou sob as ordens do meu superior que vigia constantemente o meu trabalho. Quando vou aos bares, ninguém me controla e posso seduzir quem eu quiser. Depois, quando vou trabalhar na semana seguinte, já tenho mais força para enfrentar o meu chefe e todo aquele ambiente de estresse.” (S., 29 anos, divorciada)

CONCLUSÃO

Neste estudo, as buscas de felicidade dos sujeitos evidenciaram-se através dos diversos discursos relacionados com o domínio da ‘communitas.’ Os discursos do descompromisso feminino e do masculino são idênticos: ambos são característicos sobretudo

do(a)s jovens solteiro(a)s (entre os 18 e os 25 anos) que encetam relacionamentos erótico-amorosos de cariz passageiro em que o que é valorizado na relação sexual é o prazer de “viver o momento fugaz” (experenciado sobretudo através da “one night stand”), à semelhança da lógica do consumo de mercadorias, sendo o parceiro sexual concebido como um objeto descartável. Isso tende a acontecer porque os sujeitos não pretendem conjugalizar, pois desejam permanecer no estado de ‘communitas’, ou seja, desejam experienciar uma moratória psicossocial (Erikson [1968] 1976) que possibilite escapar à submissão/repressão estrutural. Nesse tipo de discurso, as mulheres utilizam um argumento relacionado com o domínio da ‘communitas’, isto é, a vivência de uma “sexualidade plástica”, liberta das necessidades de conjugalidade e de reprodução (Giddens [1992] 1995), colocando também a tônica na rejeição da submissão às tarefas domésticas e ao marido, e os homens referem o desagrado relativamente às consequências econômicas e sociais que a conjugalização e a reprodução acarretam.

O discurso da competição evidencia algumas diferenças entre homens e mulheres. Relativamente ao discurso feminino, este é característico das mulheres solteiras (entre os 18 e os 25 anos) e das mulheres divorciadas (entre os 35 e os 55 anos). Essas mulheres, especialmente as jovens, por simetria competem (competição intergêneros) com os homens (sobretudo os jovens) no que diz respeito ao capital de experiência sexual (relações sexuais ocasionais, perda de virgindade com um desconhecido), defendendo uma posição celebratória relativamente a esse comportamento. No entanto, existem mulheres, especialmente as jovens (entre os 18 e os 25 anos), que têm experiências sexuais pontuais, não como forma de competir com os homens, mas, sim, como forma de competir com as suas amigas que, ao contrário delas, são inibidas. Muitas dessas jovens vivem experiências de “one night stand” com um desconhecido, porque são instigadas pelo grupo de pares. O discurso masculino de competição é característico sobretudo dos homens casados (entre os 45 e os 65 anos) e, ao contrário do feminino, não evidencia a competição intergêneros, mas, sim, a competição intragêneros através da sedução de mulheres casadas. Muitos desses sujeitos casados gabavam-se aos amigos das suas conquistas, conseguindo por vezes, o efeito desejado: o de serem invejados pelo grupo de pares.

O discurso de desrepressão masculino é bastante diferente do feminino na forma como essa desrepressão é realizada. O discurso de desrepressão masculino é característico sobretudo de homens casados (entre os 45 anos e os 65 anos) e evidencia um alheamento do domínio do trabalho (profissão) e sobretudo uma fuga às “responsabilidades” conjugais e/ou ao “encarceramento conjugal” como resposta à estratégia de poder feminina de o ter levado a conjugalizar e, portanto, de o ter aprisionado, ou como resposta ao desinvestimento erótico das esposas que se recusam a ter relações sexuais com eles, ou se negam a realizar determinadas práticas sexuais. Essa fuga do encarceramento conjugal é efetivada ou através da amante, ou através das prostitutas, ou tendo relações sexuais fortuitas (donruanismo). O discurso de desrepressão feminino é característico sobretudo

das mulheres divorciadas (entre os 35 e os 55 anos). A desrepressão feminina é uma forma dessas mulheres se evadirem da repressão estrutural outrora materializada através do controle dos pais, da dominação conjugal masculina e do cansaço vivido no meio laboral. Essa desrepressão estrutural feminina expressa-se através de comportamentos de sedução nos espaços de congregação noturna com o objetivo de viver o “prazer do momento”, sem a obrigatoriedade de estabelecer compromissos com os seus parceiros, isto é, reentrar na conjugalidade.

O discurso da fidelidade e o discurso do compromisso relacionam-se com o domínio da estrutura e também se materializam nas buscas de felicidade experienciadas por alguns sujeitos. O primeiro discurso é exclusivamente masculino, característico dos homens casados (entre os 45 e os 55 anos) que desejam seduzir mulheres nos espaços de congregação noturna, mas não têm relações sexuais com elas. O que se verifica é uma fidelidade sexual à estrutura conjugal. As mulheres podem não ter proferido esse tipo de discurso por vergonha ou receio de serem consideradas infiéis aos seus maridos. Tal fato prende-se com a ideia de que o papel social das mulheres (atributo de gênero) é o de serem “boas esposas” (fiéis) e “boas mães” e não como sujeitos que se deslocam aos espaços de congregação noturna para seduzir e terem relacionamentos erótico-amorosos.

O discurso do compromisso é exclusivamente feminino, sendo característico das mulheres solteiras (entre os 25 e os 40 anos). Verificamos que existem três tipos de discurso: um que é majoritário, em que as mulheres pretendem encetar relacionamentos erótico-amorosos afetivos: a tônica é colocada na “relação especial” (relação confluyente, Giddens [1992] 1995) e na ars erótica e não no compromisso, podendo ou não existir conjugalidade. Existe outro discurso, em que algumas mulheres evidenciam uma estratégia de poder, que se materializa no desejo de conjugalizar e reproduzir, colocando o homem ao seu serviço, ou seja, as mulheres funcionam como “ratoeiras biológicas” (“jogo da mãe”, Schopenhauer), que se apropriam da virilidade masculina, submetendo o homem à servidão familiar, dominando-o, “castrando-o” e “desvirilizando-o.” Por último, um outro discurso evidencia um outro motivo de conjugalização feminina: o desejo por parte da mulher de auferir uma elevada posição sócio-econômica (“jogo do estatuto”). Os homens não fazem referência a este tipo de discurso, pois a maior parte deles pretende seduzir nos espaços de congregação noturna sem encetar relacionamentos erótico-amorosos âncorados no compromisso.

Estamos conscientes de que este trabalho, como aliás todo o trabalho científico, não satisfaz o autor plenamente, isso porque toda a investigação é um *working in progress*: o que está dito, dito está, e a sua correção (de lacunas e imprecisões) ou o seu desenvolvimento, a sua verificação ou o seu apuramento deverão ser realizados em estudos posteriores. Pensamos que só assim é que a ciência avança. Esperamos, no entanto, fornecer pistas para a realização de futuros trabalhos sobre as buscas de felicidade no âmbito dos comportamentos eróticos-amorosos heterossexuais em contexto urbano noturno e

contribuir, de algum modo, para colmatar a lacuna de informação sobre esta temática em Portugal.

Este trabalho sobre as buscas de felicidade nos comportamentos erótico-amorosos heterossexuais precisaria de comparações com outras regiões de Portugal para sabermos se as diferenças inter e intra gênero no que concerne aos comportamentos de sedução heterossexual (tendo em conta também as diferenças entre os diversos grupos etários e entre os estados civis) são similares às apresentadas neste trabalho. Poderá ainda ser realizada uma investigação que tenha em conta variáveis para além da idade e do estado civil, também a classe social, que não foi considerada no nosso estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALÃO, Ana. 1990. “Amor e sexualidade: mudança de comportamentos”. In: A. Reis, (org.). Portugal Contemporâneo, Vol. 5, Lisboa: Publicações Alfa: 367-380.
- ALBERONI, Francesco. [1986] 1988. O erotismo. Lisboa: Bertrand Editora.
- ALVES, Lurdes Barata e COSTA, José Martins Barata da. 2001. Prostituição 2001 – O masculino e o feminino de rua. Lisboa: Edições Colibri.
- APOSTOLIDIS, Themis. (1993). “Pratiques “sexuelles” versus pratiques “amoreuses” fragments sur la division socio-culturelle du comportement sexuel.” Sociétés: Revue des sciences humaines et sociales, n 39: 39-46.
- BALINT, Michael. 1959. Thrills and Regressions. Londres: Hogarth.
- BARDIN, Laurence. 1977. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BASTOS, José. 2003. In Search of Hidden Meanings: Identity Processes and Strategies from a triple point-of-view. Berkeley University, comunicação pessoal (texto policopiado).
- BAUMAN, Zygmunt. [2003] 2006. Amor Líquido Sobre a fragilidade dos laços humanos. _____ . [1997] (1998). O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- BOZON, Michel. 2002. *Sociologie de la sexualité*. Paris: Nathan.
- _____. [2001] 2003. "Sexualidade e conjugalidade na França contemporânea." *Cadernos Pagu*, V.O, n 2: 143-152.
- BRAK-LAMY, Maria de Guadalupe. 2009. *Da magia da noite à magia/desencanto da cama. Para uma interpretação antropológica dos comportamentos erótico-amorosos heterossexuais em contexto urbano noturno*. Oeiras: Celta.
- COSTA, António Firmino da. 1986. "A pesquisa de terreno em sociologia." In: A. S. Silva e J. M. Pinto (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Col. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Edições Afrontamento: 129 -143.
- COSTA, José e ALVES, Lurdes. (orgs.). 2001. *A Prostituição 2001: o masculino e o feminino de rua*. Lisboa: Colibri.
- CRÉPAULT, Claude. 1997. *La sexoanalyse*. Paris: Payot.
- DAMATTA, Roberto. 1987. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. São Paulo: Rocco.
- DÉVEREUX, Georges. 1980 [1967]. *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion.
- DOLTO, Françoise. 1993 [1981]. *No Jogo do Desejo – Ensaios clínicos*. Lisboa: Relógio D'Água.
- DURHAM, Eunice. 1986. "A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas." In: R. Cardoso (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de janeiro: Paz e Terra: 27-40.
- ERIKSON, Erik. 1976 [1968]. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de janeiro: Zahar Editores.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. 1970 [1956]. *Nuer Religion*. Oxford: Clarendon Press.
- FOUCAULT, Michel. 1994 [1984]. *História da Sexualidade. O uso dos prazeres*. Vol.2, Lisboa: Relógio D'Água.
- FREUD, Sigmund. 1997 [1930]. *Cinco Lições de Psicanálise. Contribuições à Psicologia do Amor*. Rio de janeiro: Imago Editora.
- GEERTZ, Clifford James. 1978 [1973]. "A Interpretação da Cultura." In: *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*. Rio de janeiro: Zahar Editoriais: 13-41.
- GIDDENS, Anthony. 1995 [1992]. *Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras: Celta Editora.
- JACKSON, Anthony. 1987. *Anthropology at Home*. Londres e Nova Iorque: Tavistock Publications.
- KAUFMANN, Jean Claude. 1992. *La trame conjugale : Analyse du couple par son linge*. Col. *Essais Recherches*. Paris : Nathan.
- _____. [1999] 2000. *A mulher só e o príncipe encantado: Inquérito sobre a vida a solo*. Lisboa: Editorial Notícias.

- MARCUSE, Herbert. 1970 [1955]. *Eros and Civilisation*. Londres: Allen Lane-
- PERSON, Ethel. 1996 [1995]. *Pela Força da Fantasia - Como construímos as nossas vidas*. Rio de Janeiro: Nova Editorial Rocco.
- REICH, Wilhelm. 1988 [1932]. *As origens da Moral Sexual*. Lisboa: Dom Quixote.
- SINGLY, François de. 1993. *Sociologie de la famille contemporaine : Domaines et approches*. Paris : Armand Colin.
- _____. 1996. *Le Soi, le couple et la famille*. Paris : Nathan.
- SPRADLEY, James P. 1980. *Participant Observation*, Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston.
- TURNER, Victor. 1974 [1969]. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.
- VAN DEN BOSCH, Philippe. 2001 [1997]. *A Filosofia e a Felicidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VATIN, Florence. 2000. “Avoir une vie ailleurs: l’extra-conjugalité.” In : F de Singly (org.). *Libres ensemble : L’individualisme dans la vie commune*. Paris : Nathan: 195- 218.
- VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar./

ABSTRACT

This research refers to men and women (between 18 and 65 years old) searches for happiness through their heterosexual erotic-loving relationships resulting from their knowledge/meeting in the night socializing spaces situated in the “movida” areas in Lisbon. A thematic content analysis (Bardin 1977) of the speech of 120 individuals (of various civil status: married, single, divorced and living together) about their searches for happiness in their loving-erotic experiences is presented. Happiness is understood here as a desire of escape from the marital structure, family and work

structure. The theoretic framework of this study is anchored in the structure versus ‘communitas’ model developed by Turner ([1969] 1974). Conclusion emphasizes, first the importance of the pursuit of ‘communitas’ to momentary happiness of most interviewees that is evidenced by male and female speeches of disengagement, competition and repression. Moreover, the search for marital structure or the loyalty to that marital structure can also lead to the desire of happiness of some individuals, as evidenced by the female speech of commitment and the male speech of fidelity.

KEYWORDS

Searches for happiness, heterosexual loving-erotic relationships, urban night socializing spaces, Lisbon movida; structure versus ‘communitas’ model.

SUBMETIDO EM

Março de 2012

APROVADO EM

Setembro de 2012

GUADALUPE BRAK-LAMY

Antropóloga, investigadora de Pós-Doutoramento (Bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia). Investigadora Associada – Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP), Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa. Rua Almerindo Lessa, 1300 – 663, Lisboa. Docente (convidada) Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/Universidade do Algarve, Campus de Gamelas, 8005-139 Faro
Contato: guadalupe.lamy@gmail.com